

ANPB DIVULGA ARTIGO DO PE. WALTER TAINI, SX Missionário Xaveriano na Paróquia São Félix do Xingu, no Pará

CONTEXTUALIZAÇÃO DA TERRA DO MEIO PRELAZIA DO XINGU - PARÁ

Terra do Meio é assim chamada por se localizar entre dois rios importantes da Bacia Amazônica, Tapajós e Xingu. Por ser uma região localizada no meio do Pará.

De acordo com relatório do Greenpeace ("*Briefing*" produzido em outubro de 2001 para denunciar a violência na Terra do Meio). "A Terra do Meio" é uma área de floresta tropical Amazônica relativamente intacta que se estende por 8,3 milhões de hectares entre os Rios Xingu, Tapajós, Curuá, Xipaia e Iriri.

A terra do Meio faz divisa ao NORTE com os territórios Indígenas Arara, Karará e Cachoeira Seca do Iriri; ao OESTE com a Estrada Cuiabá-Santarém; ao LESTE com o Rio Xingu; ao SUL com as terras indígenas Kayapó.

Pelos menos dois territórios indígenas (Xipaia e Curuá) estão dentro da área, mas ainda não foram demarcados ou formalmente reconhecidos pelo Governo Brasileiro". Nessa região está situada a maioria das terras indígenas que se encontra no Estado do Pará. (*Em 2001 emergiu um conflito na região da Terra do Meio na área indígena dos Apiterewa-Parakanã. Esta área indígena foi regularizada em 1992 com uma extensão de 980.000 hectares. Apesar disso o INCRA, criou um assentamento (São Francisco) dentro da área e os madeireiros, há anos vinham explorando sistematicamente o mogno nos limites das terras dos Apiterewa-Parakanã.*)

Trata-se de uma região que é tão diferente de outras existentes na Amazônia por suas características geográficas e também pelos grupos sociais que lá habitam. Mas, sua especificidade se dá essencialmente pela abundância dos recursos naturais nela encontrados, pela dinâmica da ocupação, violência e pelos conflitos fundiários que apresenta. Para essa região conflui também, a ação organizada do crime no campo paraense, o narcotráfico, a exploração ilegal de madeira, a grilagem de terra e invasão de terras indígenas.

Três cidades são consideradas como portas de entrada da Terra do Meio: São Félix do Xingu, no sudeste; Itaituba, no nordeste; Novo Progresso, no sudoeste. No entanto, a maioria do território da Terra do Meio pertence a outro município, Altamira.

DINÂMICA DE OCUPAÇÃO DA ÁREA

Neste artigo considera-se especificamente **uma das "portas de entrada" da região da Terra do Meio**, o município de São Félix do Xingu. Trata-se precisamente da região ao longo da estrada que do Porto Xingu vai até a "Velha Mineradora Canopus", nas proximidades do Rio Iriri. Do Porto Xingu até o Iriri são 230 KM de estrada de chão batido.

Essa imensa área pertence geograficamente aos municípios de São Félix do Xingu e Altamira. Porém, os moradores estabelecem suas relações econômicas, políticas e sociais com o município de São Félix do Xingu, pela enorme distância que os separam da cidade de Altamira.

A região de São Félix do Xingu tornou-se uma das primeiras portas de entrada da Terra do Meio. Registros históricos dão conta de que a primeira atividade econômica a se fortalecer com malha rodoviária ligando o município à fronteira em expansão foi a coleta de **JABORANDI**, estruturada com cadeia produtiva em torno da multinacional de fármacos, Merck Vejetec. A fase áurea da exploração do jaborandi (*arbusto da família das rutáceas (pilocarpus jaborandi e outras espécies), de flores minutas ordenadas em racemos espiciformes, fruto capsular, e de cujas folhas, providas de glândulas translúcidas, se extrai a pilocarpina (dic. aurélio)*), durou cerca de 10 anos.

Os anos de 80, convivendo com a expansão de exploração do **MOGNO** e, posteriormente, a pecuária. Nos últimos anos do século passado percebe-se também uma corrida para o plantio de culturas permanentes sobretudo cacau e pimenta do reino, que ganha espaço entre os agricultores familiares, organizados nas cooperativas e associações que começam a se estruturar na região.

Na região de Canopus, na Terra do Meio, localizada entre os rios Xingu e Iriri, até meados da década de 1970 permaneceu habitada apenas pela população tradicional da região, composta por ribeirinhos, extrativistas (coletores de castanha, copaíba e andiroba) e povos indígenas. Tratava-se de uma região que ainda não tinha perdido as características de povoamento, tipicamente amazônico, pois as terras eram livres,

sem a cerca e sem o modelo jurídico tradicional, calcado na Jurisprudência Agrária que marca a ocupação da Amazônia, pós década de 1970.

A entrada de novos agentes humanos na região se enquadra dentro do paradigma que marcou as várias áreas de ocupação na Amazônia, que seguiram a lógica das fronteiras econômicas, incentivadas ou não pela Instituição Estatal.

O TRABALHO DESTACA QUATRO FASES DE OCUPAÇÃO DA REGIÃO

1ª FASE: Exploração mineral em escala empresarial: CASSITERITA (1975-1988)

É marcada essencialmente pela exploração mineral empresarial, que tem o seu foco na exploração da cassiterita pela Empresa de Mineração Canopus Ltda, pertencente a empresários brasileiros, mas subsidiada pela Rhodia, empresa de capital francesa. O impacto sobre o modo de vida dos antigos e então, habitantes da região vai permanecer praticamente inalterado, bom como a intervenção sobre a cobertura florestal e totalmente incipiente.

A pesquisa mineral começou em 1976, quando a Mineração Canopus Ltda requereu a área de 40 mil alqueires, comprada da Empresa EXPENCIL. Naquele mesmo ano a Canopus iniciou a pesquisa de vários minerais e a partir dos anos 80 começou a se especializar mais na área da cassiterita para extrair o estanho.

Em 1982, trabalhavam cerca de 70 pessoas na Empresa, entre pesquisadores e administradores, a Mineração Canopus Ltda recebeu do Governo Brasileiro o direito de lavra, o que possibilitou o início da exploração da cassiterita. Em 29 de junho de 1983, dia de São Pedro tornou-se o Padroeiro da Vila Canopus. Nessa época a Mineração Canopus Ltda já contava com cerca de 450 funcionários

Entretanto, de 1982 a 1983. Toda a infra-estrutura de abastecimento e de obras era feita via fluvial na época do inverno (cheia do rio) e no verão por via aérea. De 1984 a 1985, a Empresa montou um programa de construção de estrada até o Porto Xingu, visto que o minério produzido de setembro a dezembro era transportado por avião. Aguardavam o inverno para ser escoado pelo Rio Iriri até o município de Altamira.

O período da lavra estendeu-se de 1983-1992, sendo que o ápice da exploração de cassiterita foi do ano de 1983 a 1988. Foram cinco anos, onde exploravam cerca de 200 mil toneladas por ano de estanho contido (cerca de 260 toneladas de cassiterita) O preço chegava a 13 dólares por um quilo, no mercado internacional. De 1989 a 1992 a exploração caiu bastante, até o encerramento da exploração. Com a redução da exploração em 1988, a Canopus foi vendida para um Grupo de empresários de Minas Gerais. A Rhodia deixou de ser a subsidiária. A abertura da estrada Canopus vai protagonizar o início de um novo processo de ocupação, colocanização e exploração da região.

2ª FASE: Exploração da madeira, garimpo e agricultura especulativa (1989 a 1994)

A construção da estrada Canopus possibilitou a ligação com o município de São Félix do Xingu, tanto que as frentes econômicas a partir de 1985, terão como principal vetor de entrada aquele município que vai interligar as frentes de ocupação em processo de consolidação, como a região da Taboca. A primeira localizada ao Norte de São Félix (cerca de 100 Km) a 35 Km da margem direita do Rio Xingu. A Segunda sempre na direção Norte de São Félix (cerca de 70 Km) na região à esquerda do Rio Xingu.

A abertura da estrada e a coincidente queda contínua do preço do estanho no mercado internacional, inaugura um novo ciclo a exploração da madeira, pela garimpagem artesanal de minério e a entrada de colonos especuladores de terras livres. Tratava-se de pequenos agricultores que já possuíam outras terras, em São Félix ou em Tucumã. Estavam motivados pela possibilidade de aumentar o seu patrimônio de terra. Especulando e cortando terras livres.

Em 1985 criam a Vila Cabocla (132 Km do Rio Xingu). Chega a primeira Empresa de exploração da madeira chamada Carapanã, cuja propriedade pertencia a Chico Bananeira, que montou a primeira esplanada de madeira na região e abriu um dos maiores ramais de exploração madeireira (mogno), conhecido até hoje como ramal do "Branquinho".

No mesmo período chegam à região outras **Empresas Madeireiras como a Maginco, Peracchi, Impar, Pelegrino, Pau D'Arco e Angelim**. Essas empresas constituem esplanadas de madeira ao longo da estrada que vão originar as Vilas que hoje conhecemos como Vila Central e Vila Cabocla.

A garimpagem artesanal de Ouro tem pelo menos dois grandes Pólos de Exploração: Garimpo do Rio Grande, localizado na Vila Pontalina e o Garimpo do Jabá, localizado entre a Vila Cabocla e a Canopus. Outros garimpos de menor expressão funcionavam nas proximidades da Vila Central e Vila Primavera.

Essa fase será marcada por graves conflitos sociais, em decorrência da terra, do garimpo e da exploração madeireira. É importante notar que a maioria dos agentes sociais não tinha nenhuma tradição agrícola, eram peões do trecho, diaristas, empreiteiros e garimpeiros.

Os que eram agricultores não tinham capital e nem mão de obra familiar para investir nos seus lotes. Segundo os informantes, praticamente todos venderam a terra, depois de um breve período de especulação fundiária.

3ª FASE: colonização agrícola: compra de terra por agricultores capitalizados vindos de São Félix do Xingu e municípios vizinhos Tucumã, Ourilândia do Norte e Água Azul do Norte (1995 a 1999)

A terceira fase de ocupação da região tem como ponto mais significativo o processo de colonização e fixação dos colonos nas vilas que se estruturavam. Nos anos de 1995 a 1996 o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de São Félix do Xingu e o Instituto de Terras do Pará, organizaram um grupo de colonos que entraram na região se fixando nas vilas Primavera, Central, dos Crentes e Cabola.

Nesse período de fixação dos colonos na terra a região começa a experimentar de um lado uma Campanha com o período anterior e o subsequente. Constata-se, a diminuição significativamente da exploração de madeira, principalmente de mogno; da grilagem e da especulação fundiária, dos conflitos pela propriedade da terra, mas também dos recursos da floresta. De outro lado, emergem graves problemas que permanecem até hoje. A região se tornou de difícil acesso. As estradas tornaram-se intratáveis no período de inverno (janeiro a julho), já que a Empresa Conapus não mais fazia a manutenção e as madeiras destruíram o que restou das estradas, como decorrência do peso dos caminhões carregados de toras.

A educação também se apresenta como uma situação grave para os colonos, vai ao máximo até a sexta série do Ensino Fundamental (Primavera) e nas outras vilas a quinta série. As questões da saúde e da segurança pública completam o rol dos principais problemas - há apenas um posto médico, localizado na Vila dos Crentes que funciona de forma precária, onde o atendimento é feito por um agente de saúde. Não existe nenhum posto policial na região. Recentemente, teve uma relevante presença do Exército (logo após o assassinato da Irmã Doroty) e nos meados de setembro de 2005 apoiando o trabalho de oficiais do IBAMA e da Polícia Federal na região da Vila Canopus,

Os colonos que vão se instalar nesse período geralmente, estão capitalizados por terem vendido a terra a um preço favorável a um fazendeiro ou comerciante da sua região de origem. Um agricultor entrevistado informou que vendeu 10 alqueires de terra por 80 mil reais em Água Azul do Norte e adquiriu 400 alqueires na Vila Primavera por 40 mil reais. É neste sentido que se fala do "colono capitalizado".

4ª FASE: Grilagem, pecuária, processo de consolidação da ocupação pela agricultura familiar (2000 a 2005)

É marcada pela entrada de grandes fazendeiros na região, que vão se localizar nos ramais que foram abertos, em sua maioria pelas madeiras, no ápice da exploração do mogno. Com a chegada dos fazendeiros a região volta a experimentar um período de intensa violência e conflito pela posse da terra.

Começam a se formar grupos de pistoleiros que se sucedem no controle da violência, disputa do grandes extensões de terra, a mando dos fazendeiros que dão continuidade ao processo de grilagem na região.

Outro dado importante, característico dessa última fase de ocupação, é o desmatamento. Nos anos de 2002 a 2003, o município de São Félix do Xingu liderou a lista dos municípios que mais desmataram. A atividade ligada à pecuária se coloca como a principal causa do desmatamento na região, apesar de outras atividades, como a agricultura, corroborarem de forma incipiente.

PERSPECTIVAS DE AÇÃO PASTORAL

Primeiramente aparecem duas diretrizes mestres de atividade pastoral. Primeiro torna-se urgente uma presença mais prolongada dos agentes de Pastoral especialmente junto a grupos de moradores a vilas como por exemplo a Canopus, a Vila Cabocal, a Vila Central, a Vila Cotia e a Vila Primavera. Através de uma presença mais freqüente e demorada, favorecer o surgimento das comunidades cristãs que possam celebrar e fortalecer sua Fé.

Segundo apoiar a implementação da agricultura familiar como meio para favorecer a permanência e a estabilidade do colono no seu lote de terra. Nesse sentido, chegar a ter uma presença mais significativa da CPT que em São Félix do Xingu já atua em várias frentes (atividades contra o trabalho escravo, acompanhamento da Casa Familiar Rural e assistência técnica para as associações de colonos).

São Félix do Xingu, 28 de novembro de 2005.

P.S : Consulta utilizada para este trabalho foi o documento da tese de Mestrado em Sociologia "TERRA DO MEIO - estudo de caso na nova Fronteira Amazônica", de Jax Nildo Aragão Pinto, apresentada em junho de 2005 na Universidade Federal do Pará, em Belém. Considerei também os relatórios das visitas que os Padres da Paróquia São Félix do Xingu fizeram nesses últimos cinco anos.